

LIÇÃO DE ABERTURA DOS CURSOS

Prof. EDISTIO PONDE
(Catedrático de Clínica Neurológica)

Magnífico Reitor da Universidade da Bahia;
Srs. Representantes do mundo oficial;
Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Medicina;
Colenda Congregação,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores, Senhores estudantes:

Por entre as gratas expansões do mais sincero júbilo, abrem-se, de par em par, as portas desta casa, para o reinício das suas atividades letivas.

A cerimônia inaugural se reveste da simplicidade peculiar aos ambientes austeros, como soe acontecer às ocorrências de caráter científico. Mas uma alegria forte e comunicativa povoa este recinto embalsamado pela poesia tocante do passado, e, num contraste maravilhoso, empresta à atmosfera que nos envolve os ares sadios e os esplendores fulgentes das alvoradas. Paira em torno de nós uma luminosidade estranha, etérea e refulgente, como aquela que enche de glórias o amanhecer de um dia tropical.

Eia, pois, meus caros amigos, ao trabalho fecundo e construtivo, na ânsia insopitável de progredir, no afan irreprimível de avançar na senda do saber, cheios daqueles santos entusiasmos que experimentam os que se empenham nos grandes cometimentos, abroquelados no escudo de uma vontade serena e irredutível, e amparados pela fé nos destinos grandiosos desta Faculdade.

A solenidade que ora nos reúne tem um significado muito mais amplo e muito mais profundo que o de mera satisfação a um dispositivo regulamentar.

Assinala esta reunião, na sobriedade do seu aspecto, uma etapa vencida na luminosa escalada desta Faculdade — e nos assegura, por outro lado, mercê de rigoroso exame de consciência, a convicção de que vai a nossa Escola desempenhando de maneira condigna o seu honroso objectivo, de maneira que razão não existe — e não há mal que se repita — para desânimos ou cepticismos na comparação entre o que passou e o que aí está; de que nenhum demérito da parte dos que aqui mourejam pela preservação das glórias do passado, se confrontadas as atividades presentes com aquelas que enchem de esplendor os fastos inesquecíveis desta casa.

Enseja ademais êste encontro cordial a feliz oportunidade para despretençioso colóquio entre mestres e discípulos, mediante o qual trocarão idéias docentes e discentes, dizendo dos seus propósitos de bem servirem — uns e outros — à honrosa causa do ensino superior.

Da nossa parte, o mais firme empenho em palmilhar a trilha percorrida pelos nossos maiores, procurando guiar os passos incertos e vacilantes dos que se iniciam no aprendizado das ciências médicas, pelos mesmos caminhos por onde enveredaram outros tantos que por aqui passaram, valorosos argonautas, como vós ardorosamente empenhados na conquista do velo de ouro das suas mais caras aspirações.

Dispõe a nossa Escola — e é mistér se reconheça — de uma pleiade de mestres provectoros, experientes e cultos, cuja capacidade se vem afirmando através dos tempos e encontra a sua melhor acolhida no justo conceito com que se recomendam ao aprêço e à confiança dos nossos conterrâneos. Outros muitos, que só a pouco tiveram ingresso no seio da corporação docente, não constituem, na sua quasi totalidade, apenas uma bela esperança, senão uma brilhante realidade. Não enumeramos pessoas, não declinamos individualidades. Podemos afirmar no entanto que a uns e outros não faltam

a boa vontade necessária e a compreensão dos seus deveres, elementos indispensáveis à realização do seu escôpo, que outro não é senão o de partilhar com os jovens discentes os frutos sazonados da experiência e do saber.

Como na parábola do Evangelho, não descansarão na tarefa de lançar à boa terra a semente das suas idéias e ensinamentos, atentos, solícitos e cautelosos por que lhes não venha turbar a generosa tarefa o bando alacre dos passarinhos do céu.

Podeis contar, meus jovens amigos, com a sua colaboração devotada e sincera, que se compraz no alevantado propósito de desempenhar-se da sua honrosa tarefa, sem aspirar maiores retribuições além do prazer de repousar a consciência na remançosa certeza do dever cumprido.

O DEVER DA MOCIDADE

Isto, porém, não é tudo, meus jovens amigos. Se é verdade que podemos assegurar-vos todo o nosso empenho no exercitar os deveres do magistério, a vós cumpre entretanto uma boa parte de atividade para o êxito da empresa que nos foi confiada.

Muitos dentre vós já tendes ouvido, em oportunidades outras, a palavra de advertência dos mestres que nos antecederam, em cerimônias idênticas à que ora se realiza. Alguns, entretanto, transpõem pela vez primeira o limiar desta Academia, cheios daquele doce encantamento que é a própria poesia da mocidade, e envoltos nas ilusões que lhes embalam os sonhos da juventude. Uns e outros recolherão por certo a palavra desprestenciosa e amiga, a que a experiência dos longos anos vividos deve emprestar o cunho de alguma autoridade.

Sêde bemvinda, galharda e generosa mocidade. Mas ficai certos de que, ao girarem os gonzos destas portas seculares, assumis um grave compromisso, que é o de colaborardes ativamente na árdua tarefa confiada aos vossos mestres. Que

o esplendor do vosso triunfo, ainda há pouco alcançado ante as barreiras que vos separavam dos bancos acadêmicos, não vos ofusque a visão da realidade, nem vos tolde a consciência, a ponto de não vos capacitardes das pesadas responsabilidades que hoje assumis.

Antes de mais nada, meditai sôbre a grandeza da carreira que abraçastes. Nenhuma por certo está a requerer para o seu exercício maior soma de requisitos de ordem moral. Ao ingressardes nesta casa, atentai bem, como se escritas em caracteres indeléveis no seu pórtico majestoso, nas palavras do juramento proferido pelos que se investem no exercício da nobre profissão. Cumpre que todo aquêle que se destina ao exercício da medicina, ou de qualquer das profissões congêneres, — possua elevado padrão moral, que, haurido no convívio da família, se consolide e aprimore durante a vida escolar. A bondade, a tolerância, a afabilidade no trato, a honestidade de propósitos e a dignidade, — são atributos indispensáveis aos que se destinam a tão elevada missão. A discreção constituirá apanágio da medicina, particularmente no que toca ao exercício da clínica, no qual mistér se faz ter sempre em mente a invulnerabilidade do segredo profissional, tão bem expresso naquele trecho do juramento citado, quando preceitua: *Lares ingressus, oculi mei tamquam coeci erunt ad os mutumque...*

Recordai o sábio conselho do grande Miguel Couto, quando acentua: “Não vos esqueçais, então, de que se tôda a medicina não está na bondade, menos vale separada dela. A ciência poderosa vence, domina, aniquila o sofrimento e recolhe, entre bençãos, para a vida o condenado ao último dia; mas a bondade mitiga, consola, acaricia e sobretudo mente: resignada perante o mal irremediável, aponta a Chanaan de um bem que nunca virá”. (1)

Sim, meus jovens amigos; por mais estranho que pareça, não raras vêzes mistér se faz ao médico, empenhado em minorar as dôres alheias, socorrer-se da mentira, para atenuar

(1) Couto, Miguel — Lições de Clínica Médica —: 16.

ao menos os sofrimentos morais, quando a ciência falha no seu verdadeiro objetivo de salvar a vida ao seu doente. Abençoada mentira, proferida às vêzes Deus sabe com quanto sacrifício! Abençoada mentira, que faz bruxolear na face do moribundo, vincada pelo rictus do sofrimento, a suavidade de um sorriso de esperança e de fé!

De Rubião Meira, um dos nomes mais altos da medicina bandeirante, são as palavras que se seguem, em apoio desta assertiva: “Quando passei os humbrais da Faculdade de Medicina e vi o meu primeiro doente — pobre velha que vinha curtindo padecimentos antigos, sem esperanças nalma de prolongar a vida, sem fé nos conselhos dos médicos, vestu arcahouço que se ía fanando aos poucos — acreditei que poderia salvá-la, com o fulgor da minha ciência, que julgava portentosa, cheio de esperanças nos ensinamentos dos mestres; e entrei desde logo a levantar o moral dessa desditosa mulher, que se não iludia sôbre o seu triste fim, enquanto eu — piedoso ignorante — desconhecia que o meu saber era pequeno para fazer renascer uma vida que se ía fechando hora a hora... Não teve porém longa duração o meu ledo engano, porque, antes mesmo de usar meus remédios, já trespassava a desventurada, que morreu na ilusão de que eu poderia tirá-la — eu tão jovem ainda — da voragem da morte, em que se ía afundando lentamente. Morreu, porém, senhores, iludida; finou-se coberta de esperanças, no momento preciso em que, no ocaso, o sol escondia seus raios de luz, e patenteava que as grandezas da terra nada valem diante das leis físicas imutáveis... Foi o primeiro golpe que sofri na minha vaidade de moço; eu, que acreditava no potência dos meus conhecimentos, que me julgava capaz de galvanizar um cadaver e iluminar o cérebro de um demente, tive de reconhecer, desde logo, a inanidade da fôrça do homem diante da fatalidade do destino, o vazio de poder da ciência diante da destruição da matéria, arrebanhada entre as fauces da parca maldita. Foi o primeiro golpe, mas também foi a primeira lição. Golpe fundo na minha pretensão que a ignorância enroupava, mas lição poderosa também para meu

espírito, porque desde então aprendi a necessidade de iludir, com a lâmpada da fé, o ânimo do doente, que chama o médico para aliviar seus males, consolar suas aflições, retirar seus sofrimentos. E êsse é, senhores, o primeiro dos deveres profissionais. Essa é a grande alavanca que o torna respeitado, o luminoso círculo que circunda de auréola refulgente de sacerdote, a sua fronte de martir. Essa é a maior de tôdas as suas obrigações, o dever imperioso a que se deve render com o sacrifício muitas vêzes da verdade, mas com o intuito grandioso de levantar o moral abatido dos que confiantes se lhe chegam nas horas de tribulação. Aprendei, desde já, que entre os seus deveres de clínico aquêle que sobrepuja aos demais não é o de tratar do físico, quando não podeis fazê-lo com vantagem, nos casos em que a medicina deixa cair por terra, por imprestáveis, as suas armas; mas sim o de cuidar do espírito do indivíduo, afugentando-lhe o espectro doloroso do fim implacável que o espera". (2) Atentai, senhores, nas palavras citadas e meditai serenamente na grandeza da nossa profissão.

Em tais momentos, sem dúvida, o médico toca às raias da sublimidade. Soldado intransigente na defesa de uma vida que se dilue aos poucos na penumbra da morte, se os meios de que dispõe não lhe permitem arrancar aquela vida às garras da fatalidade inexorável, nem assim enrola a bandeira de combate; porque a sua palavra, unvida de bondade, procura até o último instante poupar o moribundo a maiores sofrimentos, dentre os quais por certo não será o menos atroz a certeza do fim que se aproxima. E quanto lhe custa, senhores, a êle que vive à procura da verdade, na sua missão de estudar e investigar as ciências positivas, transfigurar-se pela insinceridade das suas palavras, procurando na piedosa mentira o bálsamo suavizador dos sofrimentos alheios.

Razão não deixava de ter o imenso Anatole, quando dizia que o médico tinha sempre à sua disposição um bazar de

(2) Meira, Rubião — Dos deveres dos médicos - Revista de Medicina - Ano IV, N. 15, 8-9.

mentiras. E o nosso Oscar Freire, para afirmar: “Contudo a hora derradeira se nos afigura povoada de sofrimentos indizíveis: saudade do que se amou na terra, da felicidade que se teve, do bem que se perdeu, temor do desconhecido, horror instintivo pela desagregação e pelo aniquilamento.

Para suavizá-la, para envolvê-la de paz e alegria, a religião ensinou a recompensa no seio da bondade infinita. E a piedade do médico, fértil no consolo, para aliviar, para amparar, para cercar de ilusão aquelas horas trágicas, inventou o heroísmo da mentira, prometendo o impossível. Porque aí mentir é virtude; é o enganar nobreza, e caridade o iludir”. (3)

* * *

Um problema que merece meditado atentamente é o que se refere à vocação profissional. Ninguém conseguirá ser bom médico, na acepção integral do termo, se as suas tendências o orientariam melhor para a engenharia, para o direito, para o comércio ou para a carreira das armas. Esta sem dúvida a razão pela qual algumas pessoas fazem verdadeira coleção de diplomas, sendo raro que, ao cabo, consigam exercer com verdadeira proficiência a maior parte das profissões que sucessivamente abraçaram. O motivo de tal situação decorre muitas vezes de não escolherem os próprios jovens a carreira das suas preferências, seja por motivo de ordem econômica, seja por satisfazer a inspirações de outrem. “Um erro essencial, decorrente da iniciação prematura do curso superior, diz-nos Silva Melo — é o de escolher o estudante a carreira sem ter tido tempo de sentir e analisar suas tendências. Quando entre nós sai formado, em idade quase equivalente àquela em que teria iniciado os estudos superiores em países como a França e a Alemanha, em tal idade, ainda mal apto para se dar conta da própria vocação, já está no fim do curso, talvez até munido de diploma, e não tem outro caminho senão seguir a trajectória traçada, que não pode ser senão dificilmente modificada. Grande nú-

(3) Freire, Oscar - Deontologia médica - Revista de Medicina, VII, N. 18, 25-26

mero dêses estudantes, mesmo quando brilhantes e inteligentes, não fazem depois senão se arrastar pela vida numa inadaptação permanente à tarefa escolhida, incapazes de qualquer progresso, desiludidos de tôdas as tentativas, infelizes diante da sua permanente inferioridade, numa luta que vale como uma verdadeira condenação”.

Por êste motivo não é raro encontrarem-se médicos, mesmo dotados de inteligência e cultura, a enveredarem por outras profissões, que passam a exercer com eficiência e brilho. Isto não só de referência à nossa classe. Pois frequente é verem-se bachareis que demonstram desenganada aptidão para o exercício da medicina; engenheiros que seriam magníficos cirurgiões; médicos que exerceriam com maior eficiência a engenharia ou o direito, ou que seriam hábeis administradores e políticos e não menos inclinados à vida literária.

Tais aberrações seriam evitadas se, ao escolherem uma profissão, consultassem antes os moços as suas tendências e não sofressem as influências de conselhos estranhos.

NECESSIDADE DA CULTURA HUMANÍSTICA

Condição essencial para o bom êxito dos estudos universitários constitui, não há dúvida, um sólido preparo nas matérias do curso secundário. E como não ser assim, se tal preparo se faz imprescindível até aos que se não destinam às carreiras universitárias? Não constitui mais novidade, sendo ao revés verdade que se evidencia por si mesma, que até para o ingresso em outras profissões de natureza exclusivamente técnica, faz-se indispensável o conhecimento das humanidades. Mesmo para o exercício da carreira comercial exige-se hoje, no preenchimento de certos cargos, o certificado do curso ginásial. Como poderia deixar de ser exigido então um eficiente preparo básico, de referência às chamadas carreiras liberais?

Cumpre, portanto, que ao ingressar no curso médico, como no odontológico ou farmacêutico, traga o estudante uma

bagagem apreciável de conhecimentos básicos, não só daquelas matérias diretamente relacionadas com a profissão a que se destina, mas de tôdas as que constituem o *curriculum* ginasial. Nada mais doloroso, nada mais triste, meus senhores, do que essas reprovações em massa nos exames vestibulares, como a transformarem o ingresso nas escolas superiores em privilégio de afortunados. Não menos triste e doloroso é, todavia, conseguir um jovem a obtenção da láurea doutoral, ignorando as noções mais elementares referentes às disciplinas do curso secundário.

Além disto, a boa cultura humanística tem um alcance muito maior do que geralmente se supõe. Sabido é que o estudo das matemáticas, com particularidade o da geometria, concorre para desenvolver o raciocínio. Além do que, diz Oscar Freire: "Não esqueçamos de que a função do ensino básico, ou secundário, não é entupir inteligências de fatos, datas, leis, regras e palavras, nem ofuscar, sob a pressão de idéias alheias, tendências aproveitáveis de cada indivíduo, delindo a parte original da personalidade que vai alvorecendo. Mas é, principalmente, educar a inteligência, selecionar, reunir, desenvolver e aperfeiçoar tendências, criar bons hábitos mentais."

* * *

Aquêles dentre vós que tiverem inclinação natural pelas belas letras não deverão dedicar-se à sua prática exclusiva, em detrimento do estudo das matérias que compõem o curso acadêmico. Razão não há, todavia, para que se considere inaptos para o exercício da carreira aquêle que, ao lado da vocação pela medicina, possua tendências artísticas ou literárias. A história está cheia de exemplos em abono de tal assertiva. Afrânio Peixoto, com ser o festejado romancista de todos conhecido, não deixa de ser o publicista votado aos problemas da psiquiatria forense, nem o sábio professor de Higiene. Vicente de Carvalho e Raimundo Correia não foram menos brilhantes quando exerciam a judicatura do que ao desferirem as cordas maviosas da lira. Torres Homem e Fran-

cisco de Castro, entre nós; Claude Bernard, Charcot e outros tantos, fora daqui, não foram menores, como figuras exponenciais das letras médicas, com o demonstrarem acentuada tendência para as artes ou para as belas letras.

Vale aqui recordar uma página cintilante do grande Miguel Couto, que assim se refere ao assunto, discorrendo sobre a personalidade de Francisco de Castro: “Ele já vinha aureolado dos bancos acadêmicos; através da sua modéstia e da sua timidez, transluzia uma vivaz inteligência e mal se ocultava uma prematura capacidade.

Ao entrar para a vida pública trazia duas credenciais, a sua tese de doutoramento — *Da correlação das funções*, e um livro de versos — *Harmonias errantes*.

Se a primeira o recomendava como um trabalho, que o era, de fôlego, promissório, e mais que promissório já erudito, a segunda o apontava como suspeito entre as vestais da ciência pura. Pois um poeta, pouco mais ou menos que um bohêmio, um inútil, ou, quando muito, um ideólogo, um sonhador, a querer profanar o templo augusto! Já não o dissera aquêlê frade nedio e rubicundo de Alvares de Azevedo, fazendo rodar a sua carruagem sobre o corpo abandonado do poeta morto:

Ora um poeta...

O mundo não avança por cantigas.

Que se penitenciasse o candidato e viesse, de cilício e sambenito, implorar perdão e renegar suas ligações incestuosas.

Francisco de Castro assim o fêz; despediu-se das musas, quebrou a lira e enclausurou-se como um beneditino para o culto da ciência. Nunca mais voltou, em público, aos seus antigos amores; mas, quanto a mim, estou em afirmar que nunca em espírito dêles se separou e que em tôdas as manifestações da sua vida intelectual houve sempre dentro do sábio o poeta”.

“A primeira vez que eu me senti diante de um grande professor, — diz ainda o mestre insigne — foi ouvindo Torres Homem. Acabava de me matricular nesta Escola, mas a curiosidade impeliu-me a conhecer logo os nomes mais afamados dessa época. Esgueirava-me pelos corredores, perseguido pelas chufas dos veteranos, e penetrava assim nas aulas dos mais velhos. Foi encolhido num canto dêste anfiteatro — e quão longe estava eu de imaginar que um dia a minha voz viesse quebrar o unísono glorioso, que nêle ainda ecôa, legado pelos grandes homens que nesta cadeira se sentaram; — foi retraído no fundo dêste anfiteatro que eu assisti à lição em que Torres Homem explanava um caso de paralisia agitante, da sua clínica. Tais os acentos da sua palavra, as inflexões da sua voz, o poder descritivo da sua linguagem, a transparência do seu raciocínio, a mobilidade da sua fisionomia, a expressão dos seus gestos, — que ainda hoje, meus senhores, é como se o estivesse ouvindo, e nunca mais, daí em diante, perlustrando os autores e observando inúmeros exemplos dessa espécie mórbida, tive dela uma idéia mais nítida, mais completa e perdurável. Torres Homem fôra sempre, sabem-no os que privaram da sua intimidade, um extremado cultor das belas artes.”

“Vêde Claude Bernard, o maior fisiologista de todos os tempos. Abandonando aos 20 anos a sua aldeia natal em busca de Paris, não cuideis que o fizesse — acrescenta Miguel Couto — para atender às exigências de uma vocação médica. Não; trazia na sua bagagem, ao lado de belos sucessos provincianos, uma tragédia em 5 atos, vasada na mais profunda filosofia e escrita nos mais adoráveis versos. Daí veio que, desiludido dos seus primeiros sonhos de glória literária, e colocado pelas contingências da sorte na cadeira de Magendie, no Colégio de França, talvez, ao exemplo do mestre, êle também perante suas experiências as observasse *comme une bête*; mas interpretava-as como um filósofo e, sem o querer e sem o sentir, as descrevia como um poeta.

Quais foram os dois maiores mestres da Escola francesa na segunda metade do século passado? Trousseau e Charcot.

Trousseau, professor de retórica e eloquência na sua mocidade; Charcot, um artista nato do pincel, da palavra e... da medicina.

Temos, pois, o direito de exclamar: Abençoadas musas, quanto vos devemos! Não estivesse Francisco de Castro impregnado até a última das suas células intelectuais do vosso amor, que lhe absorveu tôda a juventude, e não seria o maravilhoso e extraordinário mestre, cujo nome fulgura como uma das maiores glórias da nossa Pátria”.

* * *

Apercebidos do indispensável preparo básico, cumpre aos jovens discentes estudarem com afinco as matérias fundamentais do curso médico. A frequência assídua não se deve restringir àquelas cadeiras de exame compulsório; mas estender-se a tôdas as que constituem o curso superior. E' grave êrro, passível de desfavorável repercussão na vida clínica, o relegarem a verdadeiro desprezo o estudo de certas disciplinas. Empenhados no aprimoramento da especialidade das suas preferências, o estudante, em regra geral, considera desnecessária a frequência às demais aulas. O resultado é a obtenção de conhecimento mais ou menos profundo de uma disciplina, em detrimento das outras, o que equivale a uma cultura médica restrita, unilateral, incompleta, ao contrário do que seria o resultado da frequência às demais cadeiras, medida saudável e necessariamente útil para a prática profissional. Não somos dos que condenam a especialização prematura, em face do sistema educacional vigente.

A complexidade crescente das ciências médicas não possibilita ao estudante um preparo sólido em tôdas as matérias que lhe compõem o curso. Por outro lado, faz-se mesmo já hoje impraticável, maximé nos centros de população mais densa, o exercício da policlínica.

O que outrora constituía matéria da chamada clínica geral fragmenta-se hoje em vários sectores, representados por

especialidades diversas, como sejam a cardiologia, a fisiologia, a hematologia e outras que tais.

A tendência atual, de acôrdo com a divisão do trabalho, é a crescente especialização. Não há mal, por conseguinte, em que o estudante se dedique de logo a determinada especialidade, muito embora a verdadeira especialização só se possa levar a efeito, com o decorrer dos tempos e a frequência hospitalar contínua, mesmo depois da colação do grau.

Para isto, entretanto, não se faz mistér o abandono a que ficam ordinariamente votadas as demais disciplinas, o que trará no futuro visíveis embaraços ao médico clínico, especialmente àqueles que se iniciam em localidades menos adeantadas. Isto sem embargo de reconhecermos, com Silva Melo, que "a medicina tornou-se um domínio de tal extensão que um só indivíduo não tem mais possibilidades para abrangê-lo completamente."

Atentai, pois, nesta advertência: Frequentai tôdas as aulas, quer as das matérias fundamentais, quer as das diferentes especialidades, que para isto não vos faltará tempo; e, por menos esforço que fizerdes, a frequência solícita às diferentes disciplinas vos dará um cabedal precioso de conhecimentos, que só com o correr dos anos sabereis apreciar.

Tempo é já de pôr têrmo a certos conceitos errôneos a respeito da suposta desnecessidade de algumas especialidades médicas. Muitos consideram, por exemplo, perfeitamente isento de qualquer interêsse para a prática da medicina clínica o estudo da Neurologia e da Psiquiatria. Nada mais falso, meus jovens amigos. A Neurologia, como a Psiquiatria, deixaram de ser as disciplinas dos nomes complicados, dos belos diagnósticos e da terapêutica inoperante. Basta que mediteis sôbre os modernos métodos terapêuticos de que se vale a ciência de Kraepelin, para verificardes a falsidade do arraigado conceito. A Psiquiatria é hoje de fato uma das especialidades mais brilhantes no particular da terapêutica. A malarioterapia, a convulsoterapia, a psicocirurgia, revolucionando os velhos métodos da Psiquiatria clássica, vieram

colocá-la entre os sectores da medicina dotados de maiores e mais efficientes recursos para a debelação dos fenómenos mórbidos.

A Neurologia é uma especialidade em franca e vitoriosa evolução, que tem sido enriquecida, nos últimos tempos, de uma semiotécnica eficiente e exaustiva, valendo-se, por outro lado, de métodos eficazes no que tange à terapêutica. Sob o primeiro aspecto, basta considerar-se o concurso que lhe vem prestando a radiologia simples ou contrastada, com as mielografias, encéfalo e ventriculografias, além da arteriografia de Egas Moniz. Ressaltemos a importância da electroencefalografia, que, não se restringe ao diagnóstico do mal comicial, constituindo hoje elemento precioso para a localização de tumores intracranianos.

Que diremos das noções referentes às infecções não supuradas do sistema nervoso, da ação dos antibióticos e do emprego da radioterapia profunda? Não desprezemos a oportunidade para assinalar a importância da neurocirurgia, tão indispensável nos tempos atuais, que não se pode levar a sério um serviço neurológico onde não exista uma secção destinada à prática da cirurgia do sistema nervoso.

O que se requer, para a realização de uma terapêutica eficiente, no tocante a nossa especialidade, é o diagnóstico bem feito e realizado precocemente.

Não descureis pois do conhecimento geral das diferentes disciplinas, sem prejuízo dos vossos pendores, no estudo aprimorado da especialidade que elegerdes. Mesmo porque, necessário se faz, para que o médico seja um especialista perfeito, não permaneça insulado no círculo de ferro da matéria de suas preferências, por isto que nenhuma disciplina constitui compartimento estanque, sentindo, ao revés, o especialista, a cada passo, a necessidade de conhecer os fenómenos relacionados com os demais assuntos médicos, para a elucidação dos problemas referentes àquele a que se dedica em particular.

Uma prática ao nosso ver aconselhável seria a de aparelhar-se o estudante, tanto quanto possível, para o exercício da clínica médica, da pequena cirurgia, da cirurgia de urgência, procurando obter ademais, no tocante às especialidades, o bastante para o exercício da profissão nas cidades do interior, onde deveriam todos estagiar durante algum tempo, logo após a colação do grau. Tal prática concorreria para diminuir, senão evitar, a pleetora médica que evidentemente se verifica nos grandes centros; proporcionaria os meios de evitar-se o ingresso em massa dos médicos nas funções burocráticas, e suprimiria, pelo menos em parte, o desagradável espetáculo exibido pelo grande número de médicos postulantes, à cata de emprêgo público, ou a encherem as repartições de saúde pública, sem que algumas vêzes tenham sequer uma função definida.

Por outro lado, contribuiria para o adestramento dos médicos, porque o exercício da clínica no interior, através das suas inevitáveis dificuldades, concorre poderosamente para desenvolver no jovem facultativo o espírito de iniciativa e o senso da responsabilidade.

Teria, além do mais, contribuído para minorar o doloroso problema da falta de recursos científicos, reinante nas cidades sertanejas, onde a ausência de profissionais diplomados propicia geralmente a prática criminosa do curandeirismo.

Seria ademais obra de patriotismo, porque o futuro da Pátria está indiscutivelmente vinculado ao saneamento da sua vasta h'interlandia. Sem a medida fundamental de melhorar as condições sanitárias dos nossos sertões, será impossível fixar-se o homem à gleba e rehabilitar para a obra gigantesca do seu progresso a legião de doentes que povôa este vasto País.

Até o magno problema da defesa nacional está a depender do problema sanitário dos nossos sertões. Recordemos as palavras de Miguel Pereira, alusivas ao fato a que ora nos reportamos: "E' bem que se organizem milícias, que se cerrem fileiras em tórno da bandeira, mas melhor seria que se

não esquecessem, nesse paroxismo de entusiasmo, que fora do Rio ou de S. Paulo, capitais mais ou menos saneadas, e de algumas outras cidades em que a previdência superintende a hygiene, o Brasil é ainda um imenso hospital. Num impressionante arroubo de oratória, já perorou na Câmara illustre parlamentar que, se fôsse mistér, iria êle de montanha em montanha, despertar os caboclos dêsses sertões. Em chegando a tal extremo de zêlo patriótico, uma grande decepção acolheria a sua generosa iniciativa. Parte, e parte ponderável dessa brava gente, não se levantaria; inválidos, exangues, esgotados pela ancilostomiase e pela malaria; estropiados e arrazados pela moléstia de Chagas; corroídos pela sífilis e pela lepra; devastados pelo alcoolismo; chupados pela fome, ignorantes, abandonados, sem ideal e sem letras, ou não poderiam êstes tristes deslembados se erguer da sua modorra ao apêlo tonitroante da trombeta guerreira, ressoando de quebrada em quebrada, ou quando, como espectros, se levantassem, não poderiam compreender porque a Pátria, que lhes negou a esmola do alfabeto, lhes pede agora a vida e nas mãos lhes punha, antes do livro redentor, a arma defensiva!"

Se êste não é, na sua dolorosa realidade, o panorama atual dos nossos sertões, onde efetivamente já se vai realizando alguma coisa em matéria de saneamento, contudo, não há negar, muito há por fazer em benefício da saúde e da instrução do homem dos nossos interiores. E o afluxo maior de jovens médicos às paragens remotas dos nossos sertões viria, sem dúvida alguma, concorrer poderosamente para esmaecer as tintas do quadro delineado pelo grande médico conterrâneo.

* * *

Meus senhores. Quiz a colenda Congregação desta Faculdade valer-se dêste momento para render a dois eminentes mestres o preito da sua veneração. E, por certo, nenhuma oportunidade mais propícia para tão justa homenagem, porque o exemplo de duas vidas inteiramente devotadas à causa do ensino médico, constitui um dos maiores ensinamentos para os jovens que iniciam hoje a sua vida escolar.

Inácio de Menezes, o anatomista de pról, o naturalista acatado, portador de uma cultura vasta e polimorfa, não carece que se lhe trace a biografia de homem eminente, que se lhe exalce o vulto de cientista de escól, tal o conceito que a seu respeito formulam todos os que compõem a numerosa família médica da nossa terra.

Flaviano Inocência da Silva é o trabalhador infatigável, que se não limitou ao exercício da cátedra. No silêncio do laboratório, dando larga expansão ao seu espírito de investigador, êle foi incontestavelmente uma das figuras mais eficientes do nosso brilhante magistério, concorrendo para enaltecer as tradições da nossa Faculdade.

Aos dois luminares da medicina bahiana, afastados pelas contingências da legislação vigente das atividades magisteriais, foi o corpo docente desta casa, num gesto de edificante justiça, retirar do seu recolhimento para o relêvo desta hora, em que se lhes confere o elevado título de Professor Emérito.

Honra aos dois varões insignes, cuja vida de trabalho e de renúncia é justo focalizemos neste instante, como a lição mais eloquente para a estudiosa juventude desta Escola.

* * *

E' tempo de terminar, meus caros amigos. Distinguido pela honrada Congregação desta Faculdade para proferir esta aula inaugural, nada mais nos foi possível do que alinhar estas palavras singelas, mediante as quais procuramos desobrigar-nos da generosa incumbência. O título pomposo que lhes foi atribuído — mal consegue galvanizar o desprimor das idéias com que procuramos traçar as diretrizes que vos devem nortear na difícil jornada que hoje empreendeis. São apenas conselhos, sem pretensões maiores, o que acabamos de transmitir-vos. Diz-nos, no entanto, a consciência que, se calarem no vosso espírito irrequieto e por êles vos deixardes guiar na conquista, que levais a efeito, da láurea doutoral, saireis plenamente vitoriosos ao cabo das vossas lutas incruentas.

E quando tiverdes atingido as cumiadas do ideal que vos anima, olhos fitos na grandeza da Pátria e o coração a pulsar das vossas intensas alegrias, uma voz interior vos segredará aos ouvidos a certeza de que cumpristes o vosso dever; de que alcançastes com dignidade o pináculo das vossas aspirações, e de que contribuístes ainda para manter bem alto as tradições invioláveis da nossa Escola, — velho templo glorioso em cujas aras veneráveis rendemos à CIÊNCIA o preito fervoroso da nossa devoção.